

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA XAVANTE: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E LEXICAIS

LOANWORDS FROM PORTUGUESE IN THE XAVANTE LANGUAGE: SOCIO-HISTORICAL AND LEXICAL ASPECTS

Eric Victor Resende Marques **1**
Maxwell Gomes Miranda **2**

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever e analisar empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa na língua xavante a partir de alguns dados levantados nas obras de Lachnitt (1987) e Hall et al. (2004 [1987]). Apresenta uma síntese sobre a história do contato entre o povo xavante (a'uwẽ uptabi) e a sociedade não indígena, e posteriormente sua localização e distribuição atual em terras indígenas no leste de Mato Grosso. Em seguida, discorre sobre aspectos teóricos relativos aos empréstimos linguísticos com base em Alves (2004) e Carvalho (2009). Realiza-se a descrição e análise dos dados dos empréstimos linguísticos, comparando suas ocorrências nas obras dos autores mencionados, dividindo-os por campos semânticos. Os resultados obtidos a partir da análise permitem observar os campos semânticos mais suscetíveis a adotarem empréstimos do português e relacionar algumas diferenças de registro em ambas as obras como possíveis variações dialetais da relação de contato dos xavantes com os não indígenas.

Palavras-chave: Empréstimo. Léxico. Contato. Xavante. Português.

Abstract: This paper aims to describe and analyze loanwords from Portuguese language in the Xavante language, based on data gathered from the works of Lachnitt (1987) and Hall et al. (2004[1987]). It provides a synthesis of the history of contact between the Xavante people (a'uwẽ uptabi) and non-indigenous society, followed by their current location and distribution in indigenous lands in eastern of Mato Grosso. The paper then discusses theoretical aspects related to loanwords based on Alves (2004) and Carvalho (2009). The description and analysis of loanword data carried out, comparing occurrences in the works of the mentioned authors, categorizing them into semantic fields more susceptible to adopting Portuguese loanwords. It also highlights some differences in register in both works as possible dialectal variations in the Xavante's contact with non-indigenous people.

Keywords: Loanword. Lexicon. Contact. Xavante. Portuguese.

-
- 1** Graduado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela UFMT/CUA. Pesquisador da iniciação científica pela Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5749246295766536>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4725-3696>. E-mail: ericvictorresende@hotmail.com
 - 2** Doutor em Linguística. Professor do curso de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT/CUA, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil.; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5611469015727183>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7752-7423>. E-mail: maxwell.miranda@ufmt.br

Introdução

Em tempos modernos, falantes de diferentes línguas direta ou indiretamente estão em contato, sendo o intercâmbio de palavras provenientes de distintos sistemas linguísticos o reflexo mais evidente dessa relação de contato. Em se tratando dos povos originários americanos e de outras partes do mundo sem uma tradição escrita alfabética, a adoção de palavras ou empréstimos linguísticos que os falantes realizam a partir de outras línguas, em alguns casos, é o único testemunho das relações e interações estabelecidas entre diferentes povos, seja por meio de casamentos interétnicos, trocas comerciais e culturais, seja através de guerras, conflitos armados e outros. Cada uma dessas situações é suscetível de produzir empréstimos linguísticos, ampliando, assim, o acervo lexical de uma língua para denominar referentes, antes inexistentes, que seus falantes desconheciam.

O propósito deste artigo é examinar os empréstimos linguísticos do Português na língua xavante, tanto do ponto de vista de sua forma quanto seu significado. Além disso, apresentamos uma contextualização sócio-histórica sobre o contato entre o povo xavante e a sociedade não indígena. O exame dos empréstimos linguísticos em xavante é uma importante chave para identificarmos quais campos semânticos foram mais suscetíveis dos falantes adotarem palavras oriundas do português. Assim, o presente estudo é uma contribuição à pesquisa sobre a língua falada pelo povo xavante, cujo contato com a sociedade não indígena remonta ao século XVIII, tendo sido interrompido da metade do século XIX até a década de 40 do século XX, e só a partir da década 40 deste século foi reestabelecido e intensificado desde então (Maybury-Lewis, 1965).

Organizamos o texto nas seguintes seções. A seção 1 é dedicada à contextualização sócio-histórica do contato do povo xavante com a sociedade não indígena, sua localização e distribuição e territórios descontínuos na região leste de Mato Grosso. A seção 2, por sua vez, destina-se à discussão dos aspectos teóricos essenciais a respeito dos empréstimos linguísticos e seus tipos principais. Em seguida, na seção 3, examinamos os empréstimos linguísticos em termos de forma e significado identificados nos dicionários de Lachnitt (1987) e Hall *et al.* (2004[1987]). Em sequência, nas considerações finais, reunimos e discutimos os principais resultados alcançados ao longo da pesquisa, enfatizando a abordagem multidisciplinar na investigação e exame de fatos linguísticos.

Contato entre grupos xavante e não indígenas: um breve histórico

O povo xavante, *a'uwẽ uptabi* 'povo autêntico', historicamente, até meados do século XIX, habitava o norte de Goiás, atual estado de Tocantins¹, e o Araguaia (Maybury-Lewis, 1966a). Contudo, a denominação 'xavante' é muito mais abrangente e foi aplicada a várias tribos do cerrado, desde povos do oeste paulista, povos ao sul de Mato Grosso do Sul até os atuais xavante na região do rio das Mortes em Mato Grosso (Almeida, 1869; Siqueira, 1872).

O povo xavante é mais próximo linguística e culturalmente do povo akwẽ-xerente, cujo território está localizado a leste do rio Tocantins, no município de Tocantínia (TO). Ambos possuem uma história de conflitos no contato com a sociedade não indígena, a partir da década de 1840, com a chegada de colonos vindos de Goiás.² Para os propósitos deste trabalho, iremos nos ater a designação "xavante" para descrever o seu contexto histórico, sociocultural, político e sociolinguístico.

A história do contato do povo xavante é marcada durante o século XVIII com a criação e fundação de aldeamentos, segundo as instruções da política pombalina de "pacificação" dos indígenas, na realidade, a liberação do rio Araguaia à navegação. Eram conduzidos a eles os indígenas sobreviventes dos conflitos com os bandeirantes, em que a administração dessas povoações seguia um regime rígido, marcado pela presença de uma escolta militar e um padre jesuíta. Em 1774, a política dos aldeamentos atinge diversos povos indígenas, entre os quais o povo xavante, cuja presença é noticiada no aldeamento de São José de Mossâmedes, fundado em 1775,

¹ O Estado de Goiás passou por um processo de divisão do seu território em 1988, e em 1º de janeiro de 1989 foi instalado o Estado do Tocantins.

² Ver Chaim (1983) para saber mais sobre o processo de aldeamento em Goiás dos anos de 1749 à 1811.

nas proximidades de Vila Boa (capital da província) (Lopes da Silva, 1992).

Com o declínio da atividade aurífera, houve uma redução demográfica nos arraiais, provocando o abandono completo de muitos deles pelos seus habitantes. É importante destacar que nem todos os grupos xavante foram aldeados, pois muitos não aceitaram o convívio “pacífico” com a população não indígena, e a eles juntaram-se os remanescentes dos aldeamentos, especialmente aqueles vindos do Carretão a partir de 1830-40. Em 1842, os xavante atacaram o norte da província (se estende até o final do século XIX). Em razão desses conflitos, estima-se que tenham se separado dos xerente por volta da década de 1840 e atravessado o rio Araguaia, alcançando a região do rio das Mortes. Desse período até a década de 40 do século XX, permaneceram relativamente isolados na região leste de Mato Grosso, permitindo-lhes reproduzir social e culturalmente, assim como expandir-se para territórios ainda inexplorados.

Em Mato Grosso, os xavante se dirigiam mais a oeste e se instalaram inicialmente na região da Serra do Roncador e de lá subdividiram-se em grupos como consequência de cisões internas. Passaram a ocupar territórios nas partes norte e nordeste de Mato Grosso, na região do médio Araguaia. Numa tentativa de (re)contato com os xavante de Marãiwatsede, dois padres salesianos, Pedro Sacilotti e João Baptista Fuchs, foram mortos, em 1934, na região do rio Suiá-Missu. Assim como eles, outras incursões foram realizadas, tanto de missões religiosas quanto de órgãos do governo brasileiro, a fim de pacificar os indígenas e abrir o caminho para a exploração do território para atividade de mineração, agropecuária e extrativismo. Em 1938, organizaram-se as bandeiras “Anhanguera” e “Piratininga”, ambas não bem-sucedidas. Depois, em 1941, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) designou uma frente de atração, sob o comando de Genésio Pimentel Barbosa, em que boa parte de seus componentes desarmados foram mortos em represália pelos xavante.

Com a Expedição Roncador-Xingu nos anos 40, em seguida absorvida pela Fundação Brasil Central (FBC), foram abertos os primeiros caminhos para colonização da região, resultando na instalação do posto avançado de Xavantina (Nova Xavantina-MT). De acordo com Lopes da Silva (1992, p. 368), o objetivo da FBC foi “a conquista do sertão mato-grossense através da sedentarização da população nômade de colonizadores e da atração de novos habitantes”, como parte do programa nacionalista de Getúlio Vargas (Marcha para o oeste). Diante desse cenário, os xavante encontram-se “encurralados” dentro de seu próprio território, em que sua presença impedia o sucesso da empreitada desenvolvimentista do Estado brasileiro. O primeiro contato entre os xavante e uma frente de atração ocorreu em 6 de junho de 1946, sob a chefia de Francisco Meireles, na confluência do rio das Mortes com o Pindaíba, em local conhecido como São Domingos. No entanto, esse contato amistoso não significou a suspensão dos conflitos entre xavantes e moradores dos arredores, assim como o contato permanente de outros grupos xavante tenha ocorrido em diferentes momentos.

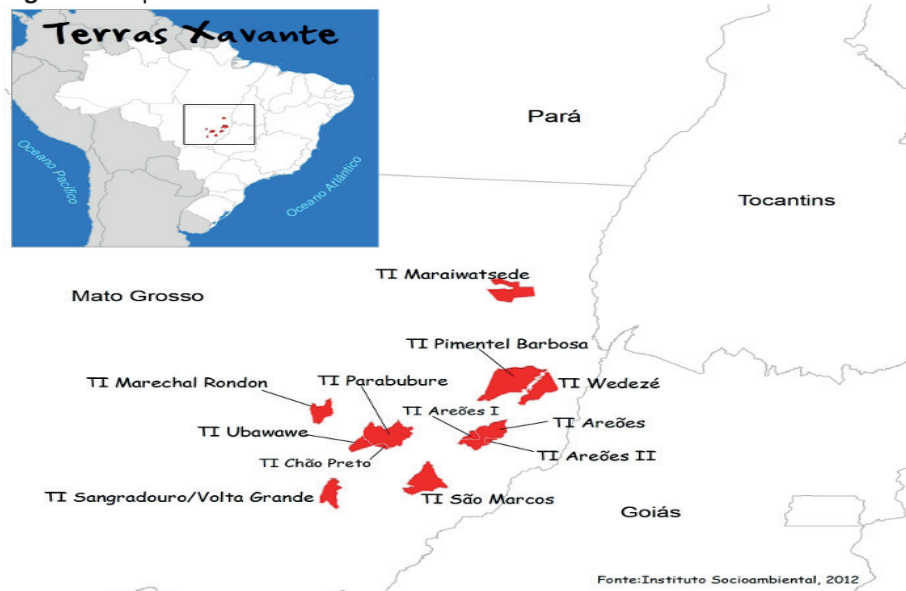
É importante ressaltar que os xavante possuíam uma rivalidade com outros povos indígenas como os bororo e os karajá. Os bororo guerreavam com frequência contra os xavante (Maybury-Lewis, 1966) e só deram trégua aos conflitos com as missões católicas em territórios bororo a partir da década de 50 (Maybury-Lewis, 1984), e com os karajá, desde o século XIX, os xavante tiveram diversos confrontos, cujo resultado desfavorável na maioria das vezes pesava sobre o povo inimigo. Mesmo com uma convivência mais pacífica com não indígenas, o que possibilitou uma trégua nos conflitos, ainda havia um certo receio de maldições e doenças pelo contato entre os povos (Maybury-Lewis, 1984).

À medida que se estabeleciam postos das missões religiosas católicas e protestantes ou do SPI, os xavante apresentavam desde a resistência ao abandono dos seus rituais tradicionais incentivado pelas missões religiosas até a incorporação completa à sua cultura de hábitos urbanos das cidades próximas às aldeias, fazendo com que este povo discordasse das normas impostas e/ou adaptasse à sua cultura elementos da cultura dominante (Maybury-Lewis, 1984).

O período pós-contato, que se estende da década de 50 aos anos 80, é marcado ainda pela intensificação das relações de contato, nem sempre pacíficas, por um lado, entre os grupos xavante e a sociedade não indígena, principalmente, posseiros e fazendeiros no leste de Mato Grosso, e por outro, entre eles e as agências governamentais, especialmente a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que culminou na reivindicação de seus territórios tradicionais e, conseqüentemente, a demarcação e homologação de Terras Indígenas (TI).

Atualmente, existem sete terras indígenas xavante, sendo as terras Chão Preto e Ubawawê ligadas à Parabubure, conforme Graham (2008) aponta, enquanto as demais terras indígenas são descontínuas. A Figura 1 ilustra a distribuição e localização das TI xavante, que são: Marechal Rondon, Marãiwatsede, São Marcos, Pimentel Barbosa, Areões, Sangradouro e Parabubure.

Figura 1. Mapa das TI xavante



Fonte: Instituto Socioambiental (2012).

Neologismo por empréstimos linguísticos

As mudanças em curso no mundo e o contato entre falantes de distintas línguas ou de variedades dialetais de uma mesma língua, seja pelo contato direto ou indireto, foram potencializadas pela globalização, possibilitando, o intercâmbio de palavras para designar novos objetos, fenômenos e eventos. Processos de criação de novas palavras é denominado neologia e podem ser tanto da própria língua (processos de composição e derivação) quanto da incorporação de elementos de outras línguas, os quais são chamados de empréstimos linguísticos (Alves, 2004). Nesta seção, discorreremos, em 2.1, sobre as condições em que empréstimos linguísticos surgem nas línguas e, em 2.2, discutimos os tipos de empréstimos, com base na proposta de Carvalho (2009).

Empréstimos linguísticos: uma perspectiva lexical

O léxico é entendido como o acervo de palavras pelas quais os falantes exprimem os mais variados tipos de conceitos e experiências sociocognitivas por meio da língua. Nele, distinguem-se palavra gramatical e palavra lexical, sendo que o primeiro termo cumpre um papel gramatical, relacionando uma palavra a outra, por exemplo, preposições, conjunções, artigos, pronomes relativos etc., enquanto o segundo termo refere-se ao significado dos elementos extralinguísticos codificados na língua, na forma de verbos, substantivos, adjetivos (Crystal, 1985). É na palavra lexical que ocorre os processos neológicos da língua com maior frequência, na necessidade de se nomear o mundo exterior (Carvalho, 2009).

Ao tratar dos neologismos na língua portuguesa, Alves (2004) aponta os processos de composição e derivação na criação de novas palavras nessa língua com origem no latim e a incorporação de elementos estrangeiros nela pelo contato de seus falantes com outros povos. No primeiro momento, incorporação foi influenciada pelo contato com povos árabes, celtas, africanos, tupi, entre outros e, posteriormente, foi influenciada pelo francês como uma língua de prestígio

nos séculos XVIII e XIX. Finalmente, a presença de palavras do inglês em português ocorre pela sua relevância técnico-científica no mundo atual (Alves, 2004). Também foi incorporado no léxico português elementos de outras línguas, como é o caso do italiano e o espanhol; línguas europeias não latinas com pequena influência, como o alemão moderno, o holandês, o russo, o escandinavo, o hebraico, o japonês, o chinês, o persa (Carvalho, 2009).

Alguns empréstimos linguísticos passam a ser reconhecidos como da língua portuguesa à medida em que o padrão morfológico, ou seja, a forma da palavra estrangeira se adapta ao sistema da língua e passa a comportar-se como uma palavra nativa, tornando-se aportuguesada. Um exemplo é *sport* (esporte), cuja forma em português não aceita o fonema /s/ sem acompanhamento de vogal no início da palavra (Carvalho, 2009). Mas há também a inserção de palavras, que pela falta de correspondência na língua, acabam sendo utilizadas e grafadas tal como nos seus idiomas originais e com o tempo passam a fazer parte do acervo lexical do português, por exemplo, *jeans* e *lingerie* (Alves, 2004).

Quanto à origem dos empréstimos, segundo Bloomfield (1961), é possível verificar três fontes principais: (i) empréstimos íntimos, (ii) culturais, e (iii) dialetais. Empréstimos íntimos se referem a duas línguas que coabitam o mesmo território, em que há uma relação de dominação de uma língua sobre a outra. Empréstimos culturais são resultantes dos contatos políticos, sociais, comerciais e militares entre povos, em que há a dominação de algum deles. Já os empréstimos dialetais são incorporados na própria língua por meio de variedades dialetais. Exemplo dessa influência é a difusão de palavras de variedades de prestígio faladas no eixo Rio-São Paulo sobre as demais regiões do país (Carvalho, 2009).

Tipos de empréstimos linguísticos

Há dois tipos principais de empréstimos linguísticos: os não-lexicais e os lexicais. Os empréstimos não-lexicais, apesar de raros, podem ocorrer na forma de fonemas, afixos (prefixos e sufixos), vocábulos relacionais (preposições e conjunções) e sintáticos (de construção). Os empréstimos de fonemas são raríssimos, ficando restritos a situações de bilinguismo. Os empréstimos de afixos, por sua vez, são comuns em português, em que há prefixos e sufixos de origem não-latina, como o sufixo {-ardo} em *felizardo*, de origem germânica; o celta {-ego} em *galego*, e o sufixo de origem árabe {-i}, na forma {-im}, como na palavra *marroquim*, (Carvalho, 2009). Os empréstimos sintáticos manifestam-se na forma de calque e são mais evidentes na língua escrita, em que o termo ou construção estrangeira é traduzido literalmente, como *high tech* para 'alta tecnologia' e *hot-dog* para 'cachorro-quente'

Sobre a fonologia de elementos estrangeiros, as línguas importadoras podem manter a pronúncia semelhante às línguas de origem como ocorre nas palavras italianas *ciao* e *pizza*, que assumem as formas fonéticas [ˈtʃau] e [ˈpitse] em português (Carvalho, 2009, p.54), ou adaptar ao sistema fonético-fonológico e, conseqüentemente, ortográfico da língua, que toma palavras de empréstimo, como nos verbos de origem inglesa *escanear* (> scanner) e *resetar* (> reset). Sobre a adaptação de empréstimos linguísticos ao sistema das línguas importadoras, Haspelmath (2009) enfatiza que:

The source words of loanwords often have phonological, orthographic, morphological and syntactic properties in the donor language that do not fit into the system of the recipient language. [...] In such situations of lack of fit (which are the rule rather than the exception), loanwords often undergo changes to make them fit better into the recipient language. These changes are generally called loanword adaptation (or loanword integration) (Haspelmath, 2009, p.42).³

3 As palavras de origem dos empréstimos muitas vezes têm propriedades fonológicas, ortográficas, morfológicas e sintáticas na língua doadora que não se encaixam no sistema da língua receptora. [...] Nessas situações de desajuste (que são a regra e não a exceção), os estrangeirismos muitas vezes sofrem alterações para se adequarem melhor à língua receptora. Essas mudanças são geralmente chamadas de adaptação de palavras emprestadas (ou integração de palavras emprestadas) (Tradução do autor).

Os empréstimos lexicais ocorrem nos casos em que conceitos, objetos e situações são transferidos de uma língua para outra. Inicialmente, os falantes da língua importadora são resistentes à inovação, uma vez que haveria uma dificuldade junto a fonologia de sua língua para aderir ao novo termo, mas a fim de superar essa barreira, o falante usa da tradução literal dele, chamado também de calque, embora não seja usual.

Ao longo do processo de importação de uma palavra que os falantes realizam a partir de outra língua, há quatro fases (Carvalho, 2009):

- (1) Palavra estrangeira – o item lexical existe na língua de origem)
- (2) Estrangeirismo – o item lexical é usado na língua importadora
- (3) Empréstimo – há a adaptação de qualquer palavra ao sistema da língua importadora
- (4) Xenismo – consiste na ausência de adaptação na língua importadora.

Descrição e análise dos dados

A língua xavante entrou em contato com o português a partir do século XVIII, em que foi interrompido na segunda metade do século XIX. O contato entre falantes da língua xavante com aqueles falantes de português foi reestabelecido na década de 40 do século XX, tornando-se cada vez mais intenso à medida que foram expropriados de seus territórios tradicionais para fins de exploração agropecuária. Nesse cenário de contato, muitas palavras provenientes do português passaram a fazer parte do acervo lexical da língua xavante para designar referentes antes desconhecidos pelos seus falantes, entre os quais estão incluídas palavras relativas à fauna, flora, objetos manufaturados, lugares etc. Nesta seção, analisamos os dados linguísticos extraídos dos dicionários *Romnhitsi'ubumro a'uwẽ-waradzu mreme/Dicionário xavante-português*, de Georg Lachnitt (1987) e *Pequeno dicionário xavante-português/português xavante*, de Joan Hall et al. (2004). Selecionamos os dados a partir de campos semânticos, como animais, objetos, frutas, lugares e bebidas, visto que essas áreas apresentam um número considerável de empréstimos.

Para a análise dos dados, primeiramente, na subseção 3.1, indicamos as correspondências entre os fonemas e grafemas da língua de ambas as obras. Isto se deve ao fato de que há divergências quanto à ortografia adotada dependendo da Terra Indígena. Na subseção 3.2, examinamos e discutimos os dados obtidos a partir de pesquisa bibliográfica.

Ortografias da língua xavante: correspondências entre fonemas e grafemas

Os dicionários *Romnhitsi'ubumro a'uwẽ-waradzu mreme/Dicionário xavante-português*, de Georg Lachnitt (1987), e *Pequeno dicionário xavante-português/português xavante*, de Joan Hall et al. (2004 [1987]), ambos foram produzidos e publicados por missionários salesianos e evangélicos respectivamente. Uma diferença evidente nessas obras é a ortografia adotada, em que alguns fonemas são representados por grafemas distintos, acarretando, conseqüentemente, registros divergentes para um mesmo vocábulo. Na Tabela 1 indicamos as correspondências entre fonemas e grafemas consonantais nessas obras e, posteriormente, na Tabela 2, os fonemas e grafemas vocálicos.

Tabela 1. Fonemas e grafemas consonantais em xavante

Georg Lachnitt (1987, p. 8-10)		Joan Hall et al. (2004 [1987], p. 9)	
fonemas	grafemas	fonemas	grafemas
/b/		/b/	
/d/	<d>	/d/	<d>
/h/	<h>	/h/	<h>
/ʔ/	<'>	/ʔ/	<'>

/m/	<m>	/m/	<m>
/n/	<n>	/n/	<n>
/ɲ/	<nh>	/ɲ/	<nh>
/p/	<p>	/p/	<p>
/r/	<r>	/r/	<r>
/s/	<ts>	/s/	<s>
/t/	<t>	/t/	<t>
/w/	<w>	/w/	<w>
/z/	<dz>	/z/	<z>

Fonte: Georg Lachnitt (1987), Joan Hall *et al.* (2004 [1987]).

Tabela 2. Fonema e grafemas vocálicos em xavante

Georg Lachnitt (1987, p. 8-10)				Joan Hall <i>et al.</i> (2004 [1987], p. 8)			
fonemas		grafemas		fonemas		grafemas	
oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
/a/	/ã/	<a>	<ã>	/a/	/ã/	<a>	<ã>
/ə/		<ö>		/ə/		<â>	
/ɛ/		<é>		/ɛ/		<é>	
/e/	/ẽ/		<ẽ>	/e/	/ẽ/	<e>	<ẽ>
/i/	/ĩ/	<i>	<ĩ>	/i/	/ĩ/	<i>	<ĩ>
-	-	-	-	/i/		<y>	
/ɔ/		<o>	<o>	/ɔ/		<o>	<õ>
/o/	/õ/	<ô>	<õ>	/o/	/õ/	<ô>	<õ>
/u/		<u>		/u/		<u>	

Fonte: Georg Lachnitt (1987), Joan Hall *et al.* (2004 [1987]).

Como podemos observar, as diferenças principais entre as duas grafias residem na representação do fonema vocálico /ə/, e dos consonantais /s/ e /z/, os quais são grafados por Lachnitt (1987) com as letras <ö>, <ts> e <dz>, ao passo que Hall *et al.* (2004 [1987]) empregam as letras <â>, <s>, <z>, sendo estes dois últimos mais próximos de sua realização fonética. Há ainda um contraste notável em se tratado do sistema ortográfico estabelecido por Hall *et al.* (2004 [1987]) ao incluir a vogal central alta oral /i/, representada pelo grafema <y>, que não é registrada por Lachnitt (1987).

Para os primeiros casos, a diferença parece estar relacionada mais com a ordem religiosa dos missionários que propuseram ambas as ortografias do que com variações fonológicas na língua propriamente ditas. Contudo, quanto à vogal central alta oral /i/, esta sim pode ser indicação de uma provável variação sonora na língua, considerando que os dados de Hall *et al.* (2004 [1987]) baseiam-se na língua falada nas comunidades xavante dos Postos Indígenas Simões Lopes, Paraíso e Marechal Rondon (*Idem*, p. 7), que estão localizadas a noroeste da Terra Indígena São Marcos, *locus* da pesquisa de Lachnitt (1987).

Empréstimos linguísticos em xavante a partir do português

Em xavante, identificamos empréstimos linguísticos provenientes do português que abrangem diversos campos semânticos, como por exemplo, fauna, flora, objetos manufaturados, lugares. Conforme mencionamos, esses empréstimos linguísticos decorrem das relações de contato estabelecidas entre o povo xavante e a sociedade brasileira a partir do final da década de 40. Obviamente, nos últimos anos, outras palavras de origem portuguesa foram incorporadas

no léxico xavante, sobretudo, aquelas relativas a tecnologia e aparelhos eletrônicos, como efeito imediato da intensificação das relações de contato a partir do avanço de centros urbanos e da fronteira agropecuária em direção aos territórios tradicionais do povo xavante.

No Quadro 1, apresentamos substantivos referentes ao campo semântico ANIMAIS que se presume não fazer parte do contexto sociocultural xavante. A ausência desses animais no modo de produção xavante pode estar relacionada ao fato do povo estar em contínuo movimento pelos campos de cerrado, em que a criação e o cuidado pressupõem fixação em lugares aptos para a atividade de pecuária. Do ponto de vista cultural, isto indica que atividades e animais de caça são mais valorizados para consumo e criação.

Quadro 1. Empréstimos linguísticos para animais em xavante

Animais		
VERBETE	Joan Hall et al. (2004 [1987])	Georg Lachnitt (1987)
BODE	pone'ërebâ(i)	pone'ëbö, pone'ëböire, pone'ëböire aibö
BOI	powawë	podzëwatsedé, powawë, powawë aibö
CABRA	pone'ërebâ(i)	pone'ëbö
CAVALO	awaru	aiparapitsudu, awaru
GANSO	ma'u	ma'udzahi
OVELHA	pone'ërebâ	pone'ërebâ
PATO	ma'u	ma'u
VACA	powawë	powawë, powawë pi'ö

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O exame destes dados mostra que boa parte dos empréstimos linguísticos em xavante vindos do português se constitui de palavras compostas, em que as palavras envolvidas já existem na língua, sendo possível em muitos casos encontrar a base lexical da qual se forma o composto. Essas palavras são recrutadas para designar novos referentes inexistentes ou desconhecidos pelo povo xavante antes do contato com a sociedade brasileira. Do ponto de vista linguístico, percebe-se a atuação de processos metafóricos responsáveis pela transferência de conceitos baseados na relação de similaridade entre domínios semânticos distintos. Isto pode ser visto a partir das palavras para *bode*, *cabra* e *ovelha*, as quais têm em sua composição a base lexical *pone* que originalmente significa 'veado mateiro' (Lachnitt, 1987).

Ao comparar ambas as obras lexicográficas, observamos, ainda, que na obra de Lachnitt (1987) um único termo português pode ter mais de uma designação na língua xavante. Exemplos desse tipo são os empréstimos linguísticos para *bode*, *boi*, *cabra*, *cavalo* e *vaca*, embora a denominação alternante para esse último termo seja obtida pela modificação da base lexical *powawë* 'boi' pela palavra *pi'ö* 'mulher', 'fêmea', (Lachnitt, 1987), significando, literalmente, *boi fêmea*.

Outro caso que aponta para uma distinção semântica é o do empréstimo *ma'u* referindo-se a *pato* que Hall *et al.* (2004 [1987]) não diferenciam de *ganso*. No entanto, Lachnitt (1987) registra esse empréstimo pelo termo *ma'udzahi*, em que *dzahi* denota 'corajoso', 'valente', 'selvagem' (*Idem*, p. 24). O composto *ma'udzahi*, em sua totalidade, significa 'pato selvagem'.

Outras diferenças encontradas no Quadro 1 sugerem tratar-se de variação dialetal, visto que ambas as obras lexicográficas se basearam na língua falada em terras indígenas distintas. Este é o caso das palavras para *bode*, *boi*, *cabra* e *cavalo*. Já a palavra *awaru* é uma adaptação fonética do termo português 'cavalo', considerando que a língua xavante não possui as consoantes /k/, /v/ e /l/, em que primeira consoante é eliminada, a segunda e a terceira são substituídas por /w/ por /r/ respectivamente. Embora Lachnitt (1987) registre também a palavra *awaru*, ele inclui ainda a palavra alternante *aiparapitsudu*.

No domínio semântico dos ANIMAIS encontramos ainda casos que são registrados em uma obra, mas ausentes em outra. Lachnitt (1987) registra os seguintes substantivos: *tsitsihunhiptede* ‘elefante’, *u’unawapsã* ‘foca’, *butupawaru* ‘girafa’, *öna’awaru* ≈ *uhönhitsi’reti* ‘hipopótamo’, *wapsã* ‘cachorro’. Para alguns desses substantivos compostos é possível depreender o significado global do empréstimo a partir de suas partes constituintes, como por exemplo, o termo ‘foca’ é formada pelas palavras *u’u* ‘lago’, *na* ‘posposição locativa’ e *wapsã* ‘cachorro’ e significa ‘cachorro no lago’. Já o empréstimo ‘girafa’ é composto pelas palavras *butu* ‘pescoço’, *pa* ‘comprido’ e *awaru* ‘cavalo’, denotando ‘cavalo do pescoço comprido’. Das palavras para referir-se a hipopótamo, *öna’awaru* é constituída pelos itens *ö* ‘água’, *na* ‘posposição locativa’ e *awaru* ‘cavalo’, em que seu significado literal é ‘cavalo na água’. A palavra *wapsã* ‘cachorro’, por sua vez, sugere trata-se de um neologismo mais antigo, em que não há outro significado para ela, e corresponde ao mesmo significado da palavra *wapsã* em xerente (Krieger; Krieger 1994), a língua jê mais próxima ao xavante. É intrigante que ela não tenha sido registrada por Hall *et al.* (2004 [1987]), em que sua presença em diversas línguas ameríndias é geralmente considerada um diagnóstico de contato linguístico (Pache *et al.* 2016). Por se tratar de animais que não fazem parte da fauna brasileira, percebe-se, portanto, que a motivação para a criação desses empréstimos tenha sido mais um esforço de Lachnitt (1987) do que uma necessidade comunicativa dos falantes xavante para nomear referentes inexistentes em seu ecossistema.

O campo semântico FRUTAS, conforme é indicado no Quadro 2, é menos extenso do que o conjunto de substantivos que analisamos para os animais.

Quadro 2. Empréstimos linguísticos para frutas em xavante

FRUTAS		
VERBETE	Joan Hall et al. (2004 [1987])	Georg Lachnitt (1987)
BANANA	pa’o	pa’o
laranja	rob’rã’uzé	wede’rã’udzé
maçã	rob’rãzeire	rob’rãpré
mamão	mama	udzönewede
melancia	UB’RÉZEIRE	UMREDZEIRE

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Entre os empréstimos linguísticos levantados, observamos que eles são mais suscetíveis de possíveis variações dialetais, exceto as palavras para ‘banana’ e ‘melancia’. Embora as algumas composições como ‘laranja’ e ‘maçã’ difiram em suas partes envolvidas, elas são formadas a partir de uma base lexical comum que é *rã* ‘cabeça’ que, por extensão metafórica, designa frutos redondos, mais a palavra *uzé/udzé* ‘verde/azul’. O termo registrado por Hall *et al.* (2004 [1987]) apresenta o prefixo genérico *rob-* ‘algo’ e o composto *rob’rã’uzé* significa ‘fruto de algo verde’, enquanto Lachnitt (1987) apresenta o termo *wede’rã’udzé* ao qual é acrescido a palavra *wede* ‘árvore’, ‘madeira’, ‘remédio’, ‘medicamento’ e denota ‘fruto de árvore verde’. Em relação à composição do empréstimo *rob’rãzeire* para ‘maçã’, segundo o registro de Hall *et al.* (2004 [1987]) é menos transparente do que aquela presente em Lachnitt (1987), em que a palavra *pré* ‘vermelho’ é adicionada à base lexical *rob’rã* ‘fruto de algo’, tendo como significado literal ‘fruto de algo vermelho’.

Já o empréstimo *mama* indicado por Hall *et al.* (2004 [1987]) trata-se de uma adaptação da palavra em português ‘mamão’. Contudo, a palavra *udzönewede* presente em Lachnitt (1987), por ser uma composição própria na língua, é interessante do ponto de vista de sua constituição interna e significado das partes. Primeiramente, essa palavra é formada a partir de *udzöne* ‘abóbora’, cuja composição combina as palavras *udzö* ‘fogo’ e *ne* ‘semelhante’, ‘parecido’, ‘como’, em que se obtém semanticamente ‘semelhante ao fogo’. A denominação *udzöne* para ‘abóbora’ pode estar associada metaforicamente ao fogo pela sua cor intensa. Assim, *udzönewede* é uma composição a partir de outra já existente, significando ‘fruto semelhante ao fogo’ para designar ‘mamão’.

Similar ao que vimos anteriormente com a presença de empréstimos em uma obra, mas

não em outra, identificamos as seguintes ocorrências em Lachnitt (1987) para os substantivos referentes a frutas: *wede'rá'udzé* 'limão', *udzapo* 'morango' *uwa/robrã'ädze/ru'rá* 'uva'. A primeira palavra corresponde ao mesmo item para 'laranja', em vista dele ser usado para referir-se a frutos cítricos de modo geral (Lachnitt, 1987), ao passo que *udzapo* refere-se somente ao fruto e não há outro significado para essa palavra em xavante. Finalmente, o substantivo 'uva' apresenta três palavras distintas, sendo *uwa* uma adaptação fonética do português, e *robrã'ädze* 'fruto de algo doce' (> *adze* 'doce', 'açúcar').

O conjunto de empréstimos linguísticos para designar OBJETOS, conforme é apresentado no Quadro 3, é o mais amplo que identificamos a partir das duas obras, em termos de uniformidade lexical.

Quadro 3. Empréstimos linguísticos para objetos em xavante

OBJETOS		
VERBETE	Joan Hall et al. (2004 [1987])	Georg Lachnitt (1987)
ANZOL	si'uwazi'a	adzo; tepe mramidzé
ARMÁRIO	romnhemezé	robnhemedzé
ESPELHO	dasi'madá'âzé; rob'madá'âzé	datsi'madö'ödze
MESA	wedeza	wedehöpö (≈ wedehöbö), wededza

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A maior parte dos dados dos Quadro 3 apontam para uma relativa uniformidade entre os empréstimos linguísticos usados em diferentes terras indígenas após o contato. Isto sugere que eles tenham sido adotados pelos falantes da língua xavante em momento anterior à separação e dispersão do povo em subgrupos para diferentes regiões do leste mato-grossense. Uma explicação para essa uniformidade pode estar relacionada ao fato de ser objetos que eram usados pelas frentes de atração para "pacificar" e estabelecer contato com os povos indígenas. Essa é uma prática que remonta ao "descobrimento" do Brasil, em que objetos eram dados como sinônimo de "amizade", segundo o que Pero Vaz de Caminha relata em sua carta a D. Manuel I:

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. *Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto.* Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar (Caminha, 1500, p. 2).

Do ponto de vista da constituição linguística, os empréstimos linguísticos para 'armário' e 'espelho' são derivações lexicais na língua. A palavra 'armário' é derivada a partir do radical verbal plural *nheme* (≈ *tsême*) que significa 'meter', 'colocar' várias coisas (Lachnitt, 1987). Juntam-se a ele o prefixo genérico não humano *rom* (≈ *rob*) e o sufixo nominalizador *zé/dzé* que deriva substantivos referentes a objetos e lugares a partir de verbos, tendo como significado literal 'lugar de colocar várias coisas'.

A palavra *dasi'madá'âzé* (≈ *rob'madá'âzé*)/*datsi'madö'ödze* segue o mesmo padrão derivacional em ambos os casos, em que ela é formada a partir do radical verbal 'madâ'â/'madö'ö 'ver', 'olhar', 'observar' (Lachnitt, 1987). O contraste principal entre as formas registradas está na presença de prefixos distintos que altera o significado da palavra. A palavra *dasi'madá'âzé*/*datsi'madö'ödze* apresenta o prefixo genérico humano *da-* 'gente' e o prefixo reflexivo *si-/tsi-* 'a si

mesmo’, resultando no significado ‘objeto de gente ver a si mesma’, enquanto a forma alternante *rob’madâ’âzé* incluída por Hall *et al.* (2004 [1987]) tem o prefixo genérico não humano *rob-* e o signfica é ‘objeto de algo ver a si mesmo’.

Ainda nesse conjunto de empréstimos linguísticos, a palavra *sí’uwazi’a* para ‘anzol’ disponível em Hall *et al.* (2004 [1987]) sugere tratar-se de uma extensão semântica via metáfora da palavra *tsí’uwadzi* ‘arame’, ‘fio’, ‘anel’, ‘cerca’ (Lachnitt, 1987), por semelhança com o tipo de material com que é feito. Em contraste com esse registro, Lachnitt (2004) apresenta as formas *adzo* e *tepe mramidzé*, em que a primeira é uma adaptação fonética [ãzo] do português, ao passo que a segunda envolve tanto derivação quanto composição lexical. A palavra *mramidzé* é derivada do verbo dual *mrami* ‘pegar’, ‘cativar’ (dois objetos) (Lachnitt, 1987) mais o sufixo *dzé* ‘objeto/lugar’. A partir dessa derivação, forma-se o composto acrescentando a palavra *tepe* ‘peixe’ que passa a significar ‘objeto de pegar peixe’ ou ‘pegador de peixe’.

A palavra ‘mesa’ corresponde ao empréstimo linguístico *wedeza/wededza* encontrado em ambas as obras lexicográficas. Contudo, Lachnitt (1987) registra também a forma *wedehöpö* (≈ *wedehöbö*). Todas estas ocorrências são composições, que têm como base lexical a palavra *wede* ‘árvore’, ‘madeira’, ‘remédio’, ‘medicamento’ (Ibidem). O primeiro caso combina-se com a palavra *za/dza* ‘coxa’, designando ‘coxa de árvore/madeira’ por semelhança com as ‘pernas’ ou, no caso da língua xavante, com as ‘coxas’ do objeto que sustenta a parte maior, isto é, a associação conceitual é realizada por meio de metonímia (parte pelo todo). A segunda forma *wedehöpö* também é obtida mediante uma relação metonímica, mas inversamente ao anterior, em que a conceituação parte do componente plano do objeto, acrescentando-se a palavra *höpö* significa ‘plano’, ‘chato’ (lit. árvore/madeira plana/chata) (Lachnitt, 1987).

Para nomes de objetos, Lachnitt (1987) apresenta um número maior de ocorrências do que aquele que verificamos em Hall *et al.* (2004 [1987]), conforme mostramos no Quadro 4. Essas ocorrências envolvem tanto composição quanto derivação lexical, que são indicados seus respectivos significados.

Quadro 4. Empréstimos linguísticos para objetos em xavante

Georg Lachnitt (1987)	
VERBETE	SIGNIFICADO
C A N E C A , COPO	hötsidzé (<i>hötsi</i> ‘beber’ + <i>dzé</i> ‘sufixo’, lit. objeto para beber)
cadeira	nhamradzé (<i>nhamra</i> ‘sentar-se + <i>dzé</i> ‘sufixo’, lit. objeto de sentar), <i>datsimatsitsidzé</i> (<i>da</i> ‘prefixo gen. hum. + <i>tsimatsitsi</i> ‘ficar’, ‘sentar’ (dual) + <i>dzé</i> ‘sufixo’, lit. objeto de ficar sentar (dois))
cama	<i>tsa’waridzé</i> (<i>tsa’wari</i> ‘deitar-se (dual)’ + <i>dzé</i> ‘sufixo’, lit. lugar de deitar (dois)) <i>tsötödzté</i> (<i>tsötö</i> ‘dormir’ + <i>dzé</i> ‘sufixo’, lit. lugar de dormir).
enxada	<i>hötöra’rãpo</i> (<i>hötöra</i> ‘machado’ + <i>rãpo</i> ‘cabeça inclinada’, ‘cabisbaixo’ (< <i>rã</i> cabeça), lit. cabeça inclinada do machado)
facão	<i>tsib’édzé</i> ‘wapa (?) (< <i>tsib’édzé</i> ‘faca’)
lápiz	<i>ĩprore</i> (<i>pro</i> ‘pó queimado’, ‘fuligem’ + <i>re</i> ‘sufixo diminutivo, lit. pozinho queimado)

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em continuidade à análise dos empréstimos linguísticos, apresentamos no Quadro 5 aqueles que se referem a LUGARES. Conforme podemos notar, eles são em menor número nas obras consultadas, uma vez que presença deles revelem a ação de agentes vinculados a instituições

externas ao contexto sociocultural xavante.

Quadro 5. Empréstimos linguísticos para lugares em xavante

LUGARES		
VERBETE	Joan Hall et al. (2004 [1987])	Georg Lachnitt (1987)
HOSPITAL	dawedezé	d a w e d é d z é (≈wededzé)
hotel	're ĩdanhimi'wara mono zé	danhotōdzé
igreja	Rowahutuzé	r o w a h u t u d z é , tsa'rata'ri, i'ubumro ipe

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A presença dos empréstimos *dawedezé/dawededzé* e *rowahutuzé/rowahutudzé*, designando 'hospital' e 'igreja' respectivamente, indica a atividade de funcionários do Estado por meio de serviços de assistência médica e de missões religiosas (católicas e evangélicas) junto ao povo xavante após o contato. Após o estabelecimento do contato, em 1946, por exemplo, a Missão Salesiana fixa residência em Nova Xavantina/MT, em 1949, "[...] objetivando o início do trabalho de evangelização dos Xavantes"⁴, ao passo que os missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) iniciaram suas atividades, em 1958, mesmo ano em que foi firmado acordo de cooperação entre essa instituição e o Museu Nacional (Rodrigues, 2009).

Em termos linguísticos, a palavra *dawedezé/dawededzé* tem como base lexical o radical nominal *wede* 'árvore', 'madeira', 'remédio', 'medicamento', anexando-se a ele o prefixo genérico humano *da-* e o sufixo *-zé/-dzé* que deriva termos referentes a objetos e lugares. Logo, essa derivação significa 'lugar de remédio/medicamento.' Para a palavra *rowahutuzé/rowahutudzé* 'igreja' deriva-se do radical verbal *rowahutu* (≈ *rowahudu*) 'ensinar', 'conduzir', 'cultuar' que também se combina com o sufixo *-zé/-dzé*, expressando o conceito "lugar de ensinar/cultuar". Lachnitt (1987; 2004) ainda registra os termos alternantes *tsa'rata'ri* e *i'ubumro ipe* referindo-se à 'igreja'. O primeiro compõe-se do verbo *tsa'rata* (≈ *tsa'rada*) 'contar', 'enumerar', 'coordenar', 'enumerar', 'recordar', 'lembrar', 'meditar', 'celebrar missa' mais o substantivo *'ri* 'casa', 'casa xavante' e denota 'casa de contar/recordar/lembrar/meditar'. O segundo termo, por sua vez, deriva do verbo composto *ubumroipe* 'concentrar', 'coleccionar', em que sua forma simples se relaciona com o radical plural *ubumro* 'reunir-se (muitos)' (Lachnitt, 1987). Assim, o conceito de 'igreja' é concebido como 'reunião/concentração de muitas pessoas.'

Hall et al. (2004 [1987]) traduzem o empréstimo *'re ĩdanhimi'wara mono zé* 'hotel' como 'lugar onde pessoas se deitam'. De fato, esse empréstimo tem como base lexical o verbo plural *daba'wara* 'deitar-se (muitos)'. Contudo, observamos a presença do prefixo genérico humano *da-* e do prefixo *nhimi-* indicando o agente da ação (Lachnitt, 1999). Juntam-se ainda a essa base lexical os elementos *'re* 'palavra que indica ação contínua' (Idem, p. 126), *mono* 'onde' e *zé* (?), embora não fique claro que se tratem de morfemas presos (prefixos e sufixos) ou palavras independentes. Portanto, podemos depreender dessa formação lexical o significado 'lugar onde pessoas continuam a deitar-se'. Em oposição a esse termo, Lachnitt (1987) indica a forma alternativa *danhotōdzé* que apresenta o radical ambivalente (substantivo e verbo) *nhotō* (≈ *danhono*) 'sono', 'dormir' e a ele é acrescido o prefixo genérico humano *da-* e o sufixo *-dzé*, produzindo a forma derivada 'lugar/objeto de dormir'. Esta derivação designa tanto o dormitório (lit. lugar de dormir) quanto cobertor (objeto de dormir).

No conjunto dos empréstimos que denotam lugar, encontramos as palavras *romnhorédzé* e *romnhoré nhib'ri* 'escola', as quais foram registradas apenas por Lachnitt (1987). Ambas as palavras são formadas do substantivo *nhoré* 'fila', 'leitura', embora apliquem distintos processos

4 Disponível em: <http://www.missaosalesiana.org.br/nova-xavantina/>

morfológicos. Ao radical da primeira palavra, juntam-se o prefixo genérico não humano *rom-* e o sufixo *-dzé* (lit. lugar de leitura de algo), em oposição à segunda que emprega uma composição lexical, na qual se combinam o radical *danhoré* 'leitura de algo' e o substantivo '*ri*' 'casa' marcado pelo morfema de posse *nhib-*, tendo como significado resultante 'casa da leitura de algo'. O empréstimo desse conceito para a cultura e língua xavante pode estar associada ao fato de, além das ações de evangelização, as missões religiosas por muito tempo foram as responsáveis pela educação escolar indígena.

No passado, as frentes de atração estabeleceram contato por via área, terrestre e fluvial, dependendo do ecossistema em que o povo indígena se encontrava isolado. Desse modo, é comum a presença de empréstimos para nomear diversos tipos de veículos usados durante e após o contato. À medida que as relações entre o povo indígena e a sociedade envolvente tornam-se mais estreitas, novos meios de locomoção foram introduzidos e, portanto, novos empréstimos foram incorporados ao léxico da língua. Para o campo semântico VEÍCULOS, identificamos alguns casos que apresentamos no Quadro 6 abaixo.

Quadro 6. Empréstimos linguísticos para veículos em xavante

VEÍCULOS		
VERBETE	Joan Hall et al. (2004 [1987])	Georg Lachnitt (1987)
AVIÃO	<i>hâiwi</i>	<i>höiwi, tsiwamreme</i>
CARRO	<i>wedewara</i>	<i>robduri</i> (veículo)
CAMINHÃO	<i>robduri, wedewara</i>	<i>robduri'räihö</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Como podemos notar, a palavra *hâiwi/höiwi* 'avião' é registrada em Hall et al. (2004 [1987]) e Lachnitt (1987). Em termos linguísticos, essa palavra é ambivalente, pois ela pode funcionar tanto como o advérbio 'em cima', 'de pé', 'para cima' quanto o verbo 'levantar-se' (Lachnitt, 1987). Desse modo, o empréstimo linguístico resulta da extensão semântica de uma palavra (verbo/advérbio) já existente, passando a designar um novo referente. Para a alternativa *tsiwamreme* que Lachnitt (1987) registra não foi possível decompô-la em partes menores, sendo encontrado apenas o significado 'avião'.

No caso dos empréstimos linguísticos para os termos 'carro' e 'caminhão', observa-se uma inversão quanto às palavras xavante para designá-los nas duas obras. A palavra *robduri* 'carro', 'veículo' indicada por Lachnitt (1987) corresponde ao termo 'caminhão' encontrada em Hall et al. (2004 [1987]), em que uma das formas (*wedewara*) não se distingue daquela usada para 'carro'. Em ambas as obras, o empréstimo linguístico *robduri* baseia-se na combinação do verbo singular *duri* 'carregar', 'levar' (Lachnitt, 1987) mais o prefixo genérico não humano *rob-* (lit. carregar/levar coisa). Já a palavra *robduri'räihö* 'caminhão' presente em Lachnitt (1987) é uma especificação a partir de *robduri*, à qual é acrescentada o adjetivo '*räihö*' 'alto', 'elevado', 'grande', significando 'veículo/carro alto/grande'.

A palavra *wedewara* aparece somente em Hall et al. (2004 [1987]) que, além de abranger 'carro' e 'caminhão', é também encontrada na composição *wedewara zapotore* 'carroça'. Esse empréstimo é composto das palavras *wede* 'árvore', 'madeira' mais o verbo singular *wara* 'correr', que expressa o conceito "correr de madeira". A partir dessa composição, é acrescida o adjetivo *zapotore* (*zapoto* 'redondo' + *-re* sufixo diminutivo), criando, portanto, uma especificação em comparação com outros referentes designados pela mesma palavra (lit. correr de madeira redondinho)

Em se tratando de prováveis mudanças semânticas ocorridas na língua, é importante destacar que Lachnitt (1987) registra *wedewara* com o significado 'carro de animal', 'veículo'. Em outras palavras, esse caso sugere que empréstimos linguísticos, uma vez incorporados ao léxico da língua, são suscetíveis de estender seu significado para nomear outros referentes que apresentam alguma semelhança de forma ou sejam associados ao mesmo campo semântico.

Outros empréstimos para VEÍCULOS foram encontrados exclusivamente no dicionário de Lachnitt (1987) e são apresentados no Quadro 7 abaixo. Para esses casos, indicamos, quando possível, as partes que os compõem.

Quadro 7. Empréstimos linguísticos para veículos em xavante

Georg Lachnitt (1987)	
VERBETE	Significado
BICICLETA	robhuri dza'ééré (<i>rob</i> 'algo' + <i>duri</i> 'carregar', 'levar' + <i>dza'ééré</i> 'garra', li. carregar algo de garra)
helicóptero	höiwidza'o (<i>höiwi</i> 'avião' (< levantar-se') + <i>dza'o</i> 'suspender', 'pendurar', 'elevar', lit. avião suspenso)
trator	robhuripré (<i>rob-</i> 'algo' + <i>duri</i> 'carregar', 'levar' + <i>pré</i> 'vermelho', lit. carregar algo vermelho)

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em se tratando do campo semântico VESTUÁRIO, de acordo com o Quadro 8 abaixo, apenas o empréstimo *dapara'uza/para'udza* 'sapato' é comum nas obras consultadas de Hall (2004 [1987]) e Lachnitt (1987).

Quadro 8. Empréstimos linguísticos para vestuário em xavante

VESTUÁRIO		
VERBETE	Joan Hall et al. (2004 [1987])	Georg Lachnitt (1987)
CAMISA	danho'utu'u	udza hönhí'u, udza
sapato	dapara'uza	dapara'udza, para'udzadzé

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O empréstimo *dapara'uza/dapara'udza* 'sapato' é marcado pelo prefixo genérico humano da-, que se junta ao termo relativo a parte do corpo *para* 'pé', mais a palavra ambivalente *udza* (substantivo/verbo) 'roupa', 'camisa', 'vestido', 'túnica', 'vestir-se' (Lachnitt, 1987), significando 'roupa do pé'. Trata-se de um empréstimo que recorre aos elementos lexicais da língua para nomear um objeto, até então, desconhecido pelos falantes xavante. A variante *para'udzadzé* para 'sapato' difere apenas pela presença do sufixo *-dzé* que deriva substantivos referentes a objetos e denota 'objeto de vestir o pé'.

Outros empréstimos para vestuário foram encontrados em Lachnitt (1987) que em sua maior parte são composições lexicais que têm a palavra *udza* como uma de suas partes constituintes. No Quadro 11, segmentamos as palavras em questão e indicamos seu significado literal.

Quadro 9. Empréstimos linguísticos para vestuário em xavante

Georg Lachnitt (1987)	
VERBETE	Significado
BOTA/BOTINA	para'udzapa (<i>para</i> 'pé' + <i>udza</i> 'roupa' + <i>pa</i> 'comprido', lit. roupa do pé comprida)
chinelos	para'udzaba'are (<i>para</i> 'pé' + <i>udza</i> 'roupa', <i>ba'a</i> 'parte' + <i>-re</i> 'sufixo diminutivo', lit. partezinha da roupa do pé)
chapéu	'rãdzadza ('rã 'cabeça' + <i>dzadza</i> 'que se veste', 'roupa', lit. roupa da cabeça)

boné	'rãdzadzazamo ('rã 'cabeça' + dzadza 'que se veste', 'roupa' + (a)mo 'outro', lit. outra roupa da cabeça)
------	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Nesta seção, descrevemos e analisamos os dados linguísticos levantados em que notamos a ocorrência tanto de composição quanto derivação lexical a partir de elementos próprios da língua xavante e que seus falantes tiveram de criar formas para nomear itens introduzidos após o contato. Nestes casos, os falantes empregam a extensão semântica via metáfora como principal mecanismo para ampliar o significado de uma palavra a partir da transferência de conceitos de um domínio para outro. A seção seguinte é dedicada às considerações finais, em que destacamos os principais resultados alcançados a partir deste estudo.

Considerações finais

O trabalho aqui realizado sobre os empréstimos que os falantes da língua xavante incorporaram do português é interessante, sob o aspecto histórico e lexical, pela sua contribuição científica ao considerar a importância da documentação de neologismos em situação de contato entre línguas. Apesar de ser bastante comum que os falantes de línguas em contatos intercambiem elementos lexicais e, até mesmo gramaticais, na relação entre falantes da língua xavante e do português, notamos seu caráter assimétrico, uma vez que o português é a única língua da qual os empréstimos são provenientes, revelando as pressões que a sociedade falante dessa língua exerce sobre os povos originários.

A partir da descrição e análise empreendida, constatamos que o campo semântico dos objetos é o que mais sofreu influência do português, devido a dinâmica de trocas de presentes que era comum no período colonial do Brasil e que foi adotado nas décadas de 40 e 50, em um segundo contato com os xavante. Do ponto de vista dos processos morfológicos empregados na criação de neologismos por empréstimo, verificamos a ocorrência de palavras formadas tanto por derivação quanto composição, sendo esta última a de maior frequência na língua xavante. Em ambos os processos morfológicos, os falantes da língua xavante usam elementos próprios para nomear os objetos "estrangeiros", em que a extensão semântica via metáfora cumpre um papel fundamental ao estabelecer relações de semelhança entre conceitos existentes e aqueles incorporados ao sistema linguístico a partir do contato. Além do uso de palavras próprias, encontramos casos de adaptações fonéticas como *awaru* 'cavalo', *uwa* 'uva' e *mama* 'mamão'. Outro fato observado é que empréstimos já integrados na língua passam por especializações à medida que novos conceitos são incorporados, por exemplo, a palavra *wedewara* 'carro, caminhão', combinando-se com *zapotore*, específica o objeto e designa 'carroça'.

A intenção deste estudo é contribuir para a compreensão da língua xavante dentro de um contexto sócio-histórico de resistências do povo à colonização e expropriação de suas terras tradicionais. As situações de resistência e adaptações resultaram em processos de lutas por sobrevivência e por preservação de elementos fundamentais da cultura xavante como um todo, como a manutenção da língua, realização de rituais e transmissão dos conhecimentos e saberes tradicionais.

Referências

ALMEIDA, S. R. F. Matto Grosso: Navegação do Rio Tapajos para o Pará. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1869.

ALVES, I. M. **Neologismo**: Criação lexical. 2ªed. São Paulo: Ática, 2004.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Londres: Allen A Unwin, 1961.

CAMINHA, P. V. de. **Carta a el-Rei Dom Manoel sobre o achamento do Brasil**. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 18 mai. 2023.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CHAIM, M. M. **Aldeamentos indígenas (Goiás 1749 – 1811)**. 2ª ed. São Paulo/ Brasília: Nobel/ Instituto Nacional do Livro, 1983, p. 39-42.

CRYSTAL, D. **A dictionary of Linguistics and Phonetics**. 2ª ed. Londres: Blackwell, 1985.

GRAHAM, L. Textos sobre o povo Xavante. In: **Enciclopédia dos povos indígenas**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante>. Acesso em: 06 mar. 2023.

HALL, J. **Os sistemas fonológicos e gráficos xavante e português: análise contrastiva**. Sociedade Internacional de Linguística, 1979.

HALL, J. *et al.* **Pequeno dicionário xavante-português/ português xavante**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Língua, 2004. 343 p. Título em xavante: Warazu mreme, a'uwẽ mreme na te te ïsaprĩ mono zém na. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/16/61/99/166199173976060092688438569717382535843/XVDict.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

HASPELMATH, M.; TADMOR, U. **Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook**. In: HASPELMATH, Martin. **Lexical borrowing: Concepts and issues**. Berlim: Gruyter Mouton, 2009, p.35-54.

KRIEGER, G. C.; KRIEGER, W. B. **Dicionário escolar: Xerente-Português; Português-Xerente**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais de Convenção Batista Brasileira, 1994.

LACHNITT, G. **ROMNHITS'UBUMRO: a'uwẽ = waradzu mreme/ DICIONÁRIO: xavante = português**. Campo Grande/MS: Centro Gráfico Dom Bosco – FUCMT, 1987.

LACHNITT, G. **Damreme'uwaimramidzé – Gramática Xavante**. Campo Grande/MS: MSMT/UCDB, 1999.

LACHNITT, G. **ROMNHITS'UBUMRO: waradzu mreme = a'uwẽ/DICIONÁRIO: português = xavante**. Campo Grande/MS: MSMT/UCDB, 2004.

LOPES DA SILVA, A. Dois Séculos e meio de História Xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos Índios no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/ Companhia das Letras/ Fapesp, 1992, p.357-378.

MAYBURY-LEWIS, D. Some crucial distinctions in Central Brazilian ethnology. **Anthropos**, vol. 60, no. 1-6, 1965, p. 340–58. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40457896>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PACHE, M.; WICHMANN, S.; ZHIVLOV, M. Words for 'dog' as a diagnostic of language contact in the Americas. In: A. L. BEREZ-KROEKER et al. (Eds.), **Language Contact and Change in the Americas - Studies in honor of Marianne Mithun**. Amsterdam/Philadelphia: **John Benjamins**, 2016.

RODRIGUES, A. D. 40 anos de Linguística, cursos universitários e línguas indígenas no Brasil: vivências e memórias. In: HORA, D. da; ALVES, E. F.; ESPÍNDOLA, L. C. (Orgs.), **Abralin: 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

SIMÕES, M. F. **Atividades do SPI**. In: Relatório das Atividades do Serviço de Proteção aos Índios. Rio de Janeiro, 1954, p. 24.

SIQUEIRA, J. C. Compêndio histórico-chronologico das notícias de Cuyabá, repartição da Capitania de Mato Grosso, desde o princípio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817. Rio de Janeiro: **Revista Trimensal de História e Geografia**, 1872, v. 13, p. 05-124.

XAVANTES, invasores e o Império da Lei. **Terras Indígenas do Brasil**, 2012. Disponível em: <https://shre.ink/xavante>. Acesso em: 12 mar. 2023.

Recebido em 05 de junho de 2023.

Aceito em 11 de agosto de 2023.